



FACULDADES MAGSUL

**A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL: UM OLHAR PARA DISLEXIA.**

PONTA PORÃ-MS
2017

Larissa Cristaldo de Lima

**A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL: UM OLHAR PARA DISLEXIA.**

Trabalho de Conclusão Interdisciplinar
apresentado à Banca Examinadora das
Faculdades Magsul, como exigência parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Ma. Wanessa Pucciariello
Ramos

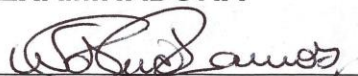
PONTA PORÃ-MS
2017

LARISSA CRISTALDO DE LIMA

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: UM OLHAR PARA DISLEXIA.

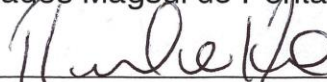
Trabalho de Conclusão apresentado à Banca Examinadora das Faculdades Integradas de Ponta Porã, como exigência para obtenção do título de Licenciado em Curso de Educação Física das Faculdades Magsul.

BANCA EXAMINADORA



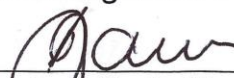
Orientadora: Prof. Ma. Wanessa Pucciariello Ramos.

Faculdades Magsul de Ponta Porã



Avaliador: Prof. Me. Raphael Oliveira Ramos Franco Netto.

Faculdades Magsul de Ponta Porã



Coordenador: Prof. Me. João Antonio da Silva Barbosa

Faculdades Magsul de Ponta Porã

Ponta Porã, 07 de dezembro de 2017.

Dedico este trabalho ao Professor Especialista Müller Vasques de Souza por sempre me incentivar a querer que eu vença na minha vida, que o meu sonho fosse realidade de ser uma professora de Educação Física e por nunca duvidar de mim.

AGRADECIMENTOS

Neste momento que se compara ao mais feliz de minha vida agradeço imensamente a Deus por permitir que eu chegasse até aqui com fé e coragem para transpor todos os desafios e obstáculos para que a realização desse sonho acontecesse.

Em homenagem a minha família, agradeço a todos aqueles que de alguma maneira me ajudaram nessa caminhada. Demonstrando aqui meu imenso amor e carinho aos meus pais que me encorajaram a sempre buscar conhecimento.

A todos os amigos que caminharam comigo nessa jornada e por vários momentos ficamos tristes juntos e agora comemoramos com grande alegria essa conquista.

Um especial agradecimento a minha orientadora professora mestre Wanessa Pucciariello Ramos que me auxiliou e me orientou nessa fase final da caminhada.

Ao professor Raphael Oliveira Ramos Franco Netto que aceitou a difícil missão de ser meu avaliador, assim fazendo parte de um momento muito especial para minha vida.

LIMA, Larissa Cristaldo de. **A educação física como meio de transformação social: um olhar para dislexia.** 40 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso em licenciatura em Educação Física – Faculdades Integradas de Ponta Porã, Ponta Porã, 2017.

RESUMO

A Educação Física como meio de transformação social, olhando para a dislexia. A prática de atividade física direcionada pode proporcionar ao praticante uma gama de benefícios que vão desde a locomoção sobre obstáculos com também preparação para a prática de um esporte em específico. A relevância deste trabalho esta na necessidade de identificação de alunos com dificuldade causada pela dislexia e assim promover a socialização desses alunos através da intervenção. Buscou-se conceituar quais as dificuldades são mais limitadoras para uma pessoa disléxica, identificar como a atividade física direcionada atua na mudança da rotina e integração das pessoas atuando diretamente na qualidade de vida do disléxico e assim mensurar a melhoria nas relações sociais, afetivas e motoras. A intervenção foi realizada através da aplicação de aulas direcionadas para melhoramentos das funções motoras grossa e fina, atrelada a lateralidade e também com atividades em grupo para socialização. Os quesitos avaliados foram à capacidade de realizarem movimentos simples ate os complexos dentro de um ambiente controlado, avaliar se houve um desenvolvimento social e se a qualidade de vida foi atingida causando alguma melhora na vida desses alunos.

Palavras Chaves: Atividade Física, Dislexia e Qualidade de vida.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Representando a participação dos alunos.....	28
Gráfico 2 – Indicativo de qualidade de atividades aceitas pelos alunos	28
Gráfico 3 – Indicativo de qualidade aceita pelos alunos após a intervenção.....	29
Gráfico 4 – Número de alunos que melhoraram sua auto estima com a aplicação da pesquisa	29
Gráfico 5 – Quantidades de alunos que melhoraram sua Qualidade de vida.....	30
Gráfico 6 – Nível de relação com a dislexia	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

AID: Associação Internacional de Dislexia

DI: Deficiência Intelectual

NUESP: Núcleo de Educação Especial

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

SRM: Sala de Recurso Multifuncional

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. COMPREENDENDO A DISLEXIA.....	12
2.1 Principais dificuldades das pessoas com dislexia.....	144
2.2 A qualidade de vida de pessoas com dislexias	177
2.3 A Educação Física como instrumento para pessoas com distúrbio mental.....	18
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
3.1 Tipo de pesquisa.....	20
3.2 Local de pesquisa	20
3.3 Sujeitos da pesquisa.....	21
3.4 Técnica, instrumento e procedimento de coleta.....	22
4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	23
4.1 Sondagem	23
4.2 Análise do questionário.....	24
4.3 Resultados obtidos	26
CONSIDERAÇÕES.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
APENDICE.....	36
ANEXOS.....	38

1. INTRODUÇÃO

A dislexia hoje esta entre as doenças mais diagnosticadas no meio escolar e buscar por melhores condições intriga pesquisadores e professores para uma melhor interpretação das condições de aprendizagem.

A dislexia hoje ganha cunho na esfera nacional, pois como muitos profissionais não a conhecem direito entendem que qualquer dificuldade pode ser enquadrada como dislexia, tornando assim mais difícil de identificar quem realmente tem esse distúrbio e quais as formas corretas de tratamento.

Foi notório que na escola temos diversos relatos de professores que colocam os alunos como disléxicos, por qualquer motivo, mas o motivo mais relevante é a dificuldade na aprendizagem. Algumas vezes esses alunos não possuem laudos e passam apenas pelo “achismo” das experiências dos profissionais, em alguns casos existe um laudo de um fonoaudiólogo que dá um parecer a respeito da dificuldade na aprendizagem dos alunos; Não sendo necessariamente um laudo final que comprove a dislexia, pois para que seja comprovado este aluno necessita de uma avaliação de um especialista e ainda de um médico neurologista.

O problema proposto no presente trabalho se baseia em uma pesquisa bibliográfica juntamente com um estudo de caso, através da atividade física, em busca de meios para minimizar as dificuldades diárias de pessoas que possuem dislexia. Assim nosso foco foi realizar um levantamento de trabalhos que relatem as dificuldades de alunos disléxicos e simultaneamente relacionar a prática da atividade física como um instrumento para minimizar os efeitos deste distúrbio. Desta forma, questiona-se como atividade física pode ser um instrumento de promoção de qualidade de vida para pessoas disléxicas?

Buscando como objetivo geral identificar e quantificar quais as maiores dificuldades de uma pessoa disléxica e de que forma através da atividade física direcionada podemos auxiliar essa pessoa nas esferas cognitiva, motora e afetiva para proporcionar bem estar e qualidade de vida. Assim tendo como objetivos específicos conceituar quais as dificuldades são mais limitadoras para uma pessoa disléxica; Identificar como a atividade física direcionada atua na mudança da rotina e integração

das pessoas atuando diretamente na qualidade de vida do dislético; Mensurar a melhoria nas relações sociais, afetivas e motoras.

A pesquisa procurou evidenciar e compreender relatos acerca dos alunos disléticos e suas dificuldades na esfera cognitiva, afetiva e motora, para então mensurar quais os comprometimentos afins entre os alunos, identificando essas dificuldades em qualquer esfera e assim permitindo uma comparação com estudos na área das atividades física através de meios que venham proporcionar melhora em qualquer uma dessas esferas, integrando a pessoa e o tornando parte de algo que não somente fará bem para seu corpo, mas para seu intelecto e também para suas relações sociais.

No primeiro momento foi necessária uma investigação para poder compreender quais os fatores que influenciam nas relações das pessoas disléticas, permitindo assim um apanhado de trabalhos que contenham informações a respeito da dislexia. Com a avaliação dos trabalhos buscaremos evidenciar as dificuldades e também identificar através da atividade física um meio para diminuir os comprometimentos que os alunos encontram nas esferas sociais, cognitivas e afetivas.

Utilizou-se como metodologia uma pesquisa bibliográfica associada à coleta de dados referente à dislexia e também um estudo de caso no qual serão utilizados procedimentos qualitativos para identificar quais as maiores dificuldades encontrados neste público, tornando assim menos complexa a identificação de uma intervenção coerente e eficaz para proporcionar a essa amostra bem estar e qualidade de vida.

A pesquisa foi desenvolvida de maneira bibliográfica, conceituando e elencando os fatores que permitiram uma discussão a respeito do nosso objeto de pesquisa, sendo assim, nossos instrumentos de busca: os livros, trabalhos acadêmicos, especialização e ainda poucos trabalhos na área de mestrado que contenham o assunto a ser tratado. Posteriormente com um estudo de caso, buscaremos identificar quais as maiores dificuldades dos alunos disléticos para possível intervenção para melhoria da qualidade de vida destes alunos.

2. COMPREENDENDO A DISLEXIA

Iniciaremos um breve relato do que é a dislexia e de seus caminhos até chegar aos dias atuais, e ainda, citar alguns autores que tiveram seus trabalhos relevantes em âmbito mundial. “O termo dislexia sugere um problema de ordem médica, porém, é também vinculado com a área educacional, uma vez que o mesmo é avaliado sob a prevalência do contexto escolar” (FREITAS, *et al.* 2014, p. 3).

Em 2003, a Associação Internacional de Dislexia (AID) adotou a seguinte definição: Dislexia é uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldade na correção ou fluência na leitura das palavras e por baixa competência ortográfica. Estas dificuldades resultam em um déficit fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. (TELES, 2004, p. 714, 715)

Compreendemos que não se trata de um fator genético, fator de formação do feto e da criança, mas sim de uma disfunção cerebral que gera dificuldades específicas na parte identificação das letras e palavras e na pronúncia das mesmas. “Nessa perspectiva, esse assunto não se trata somente de um problema escolar, mas de um quadro importante que carece de um olhar educacional, clínico e pedagógico” (FREITAS, *et al.* 2014, p.5).

A dislexia é um termo complexo que traz referências de seus transtornos desde os primeiros escritos sobre o desenvolvimento humano, tornando assim muito difícil conceituar de maneira específica a data de suas primeiras manifestações, porém alguns pesquisadores começaram a conceituar os preceitos que rodeiam a dislexia. Tentaremos expor de maneira objetiva alguns relatos que tem maior expressividade frente aos outros já relatados.

“Embora o termo dislexia apareça como um assunto novo ou pouco conhecido na comunidade escolar, a leitura revela que esse assunto é antigo, porém, pouco explorado pelos profissionais de educação” (FREITAS *et al.* 2014, p. 2). Assim entendemos que o assunto tem uma certa relevância em países europeus e tentaremos expor a realidade local acerca deste determinado termo.

O relato mais antigo encontrado é no trabalho de Gonçalves (2012, p. 81) diz que:

Identificada pela primeira vez por Berkman, em 1881, o termo “dislexia” só foi usado em 1887 por Rudolf Berlin, um oftalmologista alemão. Ele usou o termo para se referir a um jovem que apresentava dificuldade em ler e escrever, mas apresentava habilidades intelectuais normais em todos os outros aspectos.

Além deste texto supracitado o autor Rudolf Berlin, ou ainda conhecido apenas como Berlin, é citado em diversos trabalhos sobre o tema, sendo um dos mais conceituados a cerca do assunto na Alemanha nas décadas de 80 e 90.

Segundo Evans Apud Oliveira (2004, p. 6) “A dislexia foi diagnosticada pela primeira vez em 1896, pelo neurologista inglês Pringle Morgan, que a chamou de cegueira verbal congênita e definiu-a como um transtorno de aprendizagem na leitura e na escrita”.

E também segundo Teles (2004, p.3): “Em 1896, Pringle Morgan, descreveu o caso clínico de um jovem de 14 anos que, apesar de ser inteligente, tinha uma incapacidade quase absoluta em relação à linguagem escrita, que designou de ‘cegueira verbal’”. Entendemos que Pringle Morgan foi o primeiro a diagnosticar e a escrever sobre um estudo de caso na Inglaterra.

De acordo com Gonçalves (2012, p. 82) “Alguns anos mais tarde, no período entre a Primeira e a Segunda Guerra (1915 – 1940), Samuel Orton, neuropsiquiatra americano, defendia que a dificuldade de ler se devia a uma disfunção cerebral de origem congênita”. Neste momento surge uma nova linha de pesquisa referente à dislexia, visto que os trabalhos na Europa já estavam avançados, alguns neurologistas e psiquiatras americanos montaram uma comissão para estudar os distúrbios da fala e da escrita, apontando que essa disfunção seria de origem cerebral congênita e não de aprendizagem.

Dos autores brasileiros foram encontrados poucos trabalhos que permita um estudo pertinente ao nosso assunto, tornando assim dificultosa a pesquisa, o que fez possível a nossa base teórica são as leis que de uma forma geral amparam os distúrbios e deficiências e se enquadrando a essas a dislexia, além da LDB (Lei Diretrizes e Bases) que juntamente com a Constituição de 1988 dá o direito ao cidadão de estudo e apoio educacional necessário para a alfabetização.

O que percebemos em nossa pesquisa é a grande utilização de trabalhos de origem portuguesa para embasamento nos trabalhos brasileiros, uma vez que grande parte dos trabalhos específicos na área do desenvolvimento dos disléxicos parte de Mestrados e Doutorados, e tomando como referencia a realidade social de crianças e jovens portugueses. Assim, como maioria das referencias utilizadas temos Teles, P. e Morais, J. ambos de Lisboa e fazem parte de quase todos os trabalhos pesquisados na área da dislexia.

2.1 Principais dificuldades das pessoas com dislexias

Buscaremos aqui relatar as dificuldades mais relevantes voltadas para os indivíduos disléxicos. Porém, não existe trabalho que nos permitam conceituar de maneira incisiva quais as deficiências de um aluno disléxico. “Mas existem diversas áreas de estudos e especialistas que buscam contribuir, por meio de suas interpretações, com tratamento do individuo como também para troca de conhecimentos entre os distintos campos” (FREITAS, *et al.* 2014, p. 5). A dislexia segundo Evans:

Fundamenta-se no eixo corporal, na base psicomotora, e se desenvolve anteriormente à escrita. É de conhecimento de profissionais da área que a criança para aprender a ler necessita da consciência de seu eixo corporal, seu lado direito e esquerdo etc., e a criança disléxica não possui essa capacidade, o que a faz confundir eternamente direita e esquerda. (2006, *apud.* BALLONE 2001, p. 6)

Notamos que a consciência corporal é trabalhada antes da alfabetização, uma vez que as funções motoras básicas são desenvolvidas desde a primeira infância, o que torna a criança capaz de se locomover e executar tarefas de simples complexidade. Com essa motricidade básica é possível trabalhar a lateralidade, a partir dos quatro anos de idade, assim já se desenvolve a consciência corporal e assim é possível a execução de tarefas um pouco mais complexas que a de costume.

Em 1995, em uma definição bastante utilizada para dislexia foi apresentada como sendo um dos muitos distúrbios de aprendizagem que resulta em dificuldades que não são esperadas com relação à idade e a outras dificuldades acadêmicas cognitivas; e não um resultado de distúrbios de desenvolvimento geral nem sensorial. A dislexia se apresenta através de dificuldades em diferentes formas de linguagem,

frequentemente incluindo, além das dificuldades com leitura, uma dificuldade de escrita e de soletração. (EVANS Apud. LYON. 2006 p.8).

No cunho educacional podemos identificar algumas dificuldades de alunos disléxicos em graus como cita Teles, tornando mais fácil a identificação das fases desses alunos, assim Teles (2004, p. 14) aponta algumas particularidades nos primeiros anos de estudo como a “recusa ou insistência em adiar as tarefas de leitura e escrita. Queixas dos pais e dos professores em relação às dificuldades de leitura e escrita. História familiar de dificuldades de leitura e ortografia noutros membros da família”. A dificuldade na identificação das letras e sílabas acaba gerando a dificuldade tanto na leitura como na escrita, essa dificuldade se mantém por vários anos.

A falta de estímulo para o desenvolvimento da consciência corporal nessa fase, gera uma deficiência psicomotora que serve como base para a construção de outros conhecimentos relacionados à aprendizagem.

A Educação Infantil corresponde à primeira etapa da Educação Básica, e assim considerada essencial, ela dá os fundamentos primordiais desta fase. [...] Brincando a criança (re) significa seu mundo, posto que o início da capacidade de significar não está nas palavras, mas nas brincadeiras. Enquanto brinca a criança, o jovem ou o adulto experimenta a possibilidade de reorganizar-se internamente de forma constante, pulsante, atuante e permanente. Por isso, incentivar as brincadeiras na Educação Infantil é uma tarefa indispensável ao educador, pois na atividade lúdica o que importa não é apenas o produto da atividade, o que dela resulta, mas a própria ação, o momento vivido, possibilitando quem vivencia momentos de fantasia e de realidade. (DOS SANTOS e COSTA, 2015, p. 1)

Pelos motivos supracitados que entendemos como fase importante do desenvolvimento da leitura e da escrita, pois a criança tem a necessidade de experimentar novas perspectivas e isso leva a construção de um saber básico para a alfabetização de qualidade. O que não acontece na maioria das vezes com crianças que possuam dislexia, pois as mesmas se privam de momentos como esse por imaginarem não serem capazes de realizar as atividades propostas, mesmo sendo elas as mais simples.

Na idade escolar do ensino fundamental Teles (2004, p. 15) apresenta as “Dificuldades na leitura e interpretação de problemas matemáticos. Desagrado e tensão durante a leitura oral, leitura sincopada, trabalhosa e sem fluência. Baixa autoestima,

com sofrimento, que nem sempre é evidente para aos outros”. Nesta fase é muito frequente brincadeiras e “piadinhas” a respeito de como os alunos executam suas tarefas dentro de sala de aula, tornando assim muito desagradável para o aluno participar de atividades de leitura ou resoluções de problemas no quadro. A baixa autoestima se deve ao constrangimento que as atividades a frente da classe gera nesses alunos, fazendo com que não se interessem por atividades desse tipo.

A aprendizagem da criança está ligada diretamente ao desenvolvimento psicomotor. Este fator é importante para unir a Psicomotricidade com a Educação Física, desenvolvendo a criança como um todo. Pois a educação psicomotora é baseada em uma ação educativa baseada e fundamentada no movimento natural consciente e espontâneo com a finalidade de normalizar, completar ou aperfeiçoar a conduta global da criança. (DOS SANTOS e COSTA, 2015, p. 4)

Nessa fase motora o fazer torna-se o maior desafio, pois antes da execução de qualquer atividade pratica já se tem o pensamento de fracasso, tornando assim muito limitado os movimentos ao que já se consegue executar. É necessário o estímulo para que esses novos movimentos sejam incorporados e fundamentados para que sejam tratados pelo aluno disléxico como um movimento natural. É notório perceber a diferença da lateralidade dos alunos disléxicos comparados aos outros alunos, pois as atividades executadas por disléxicos tendem a permanecer inalteráveis e uma vez aprendidas será reproduzida integralmente com pouca progressividade e pouca melhora na coordenação motora deste aluno.

Nos anos que permeiam a juventude e a fase adulta Teles (2004, p 16) apresenta algumas colocações referentes aos disléxicos como: História pessoal de dificuldades na leitura e escrita. A ortografia mantém-se desastrosa preferindo utilizar palavras menos complexas, mais fáceis de escrever. Sentimentos de embaraço e desconforto quando tem que ler algo oralmente com tendência a evitar essas situações. No que tange a coordenação motora ainda não se definiu bem a estrutura espacial, tornando difícil a colocação de espaços em determinadas atividades, o distanciamento dos objetos sempre é um fator estressante, visto que, não se consegue definir com clareza a que distancia e a qual velocidade as coisas se deslocam, como exemplo os veículos nas ruas.

2.2 A qualidade de vida de pessoas com dislexias

Nem tudo é ruim na vida de um dislético, na maioria das vezes, existem dificuldades nas relações sociais, algumas funções motoras, etc. Porém podem surpreender em outras áreas, tornando-se excelente em atividades que não necessitem de leitura ou algo que é fator limitante para aquele indivíduo em específico. Assim Teles (2004, p. 16) aponta “Melhores resultados nas áreas que têm menor dependência da leitura: matemática, informática, artes visuais... Boa capacidade de raciocínio lógico, conceptualização, abstração e imaginação. Boa compreensão dos conteúdos quando lidos são lidos”.

O que pode influenciar diretamente na qualidade de vida de alunos disléxicos é a atuação ativa e eficaz do profissional de educação física, pois permite através da prática de exercícios em suas aulas a autoconfiança.

Quando o profissional permite que o aluno conheça seu corpo e suas capacidades, com a influência para uma vida saudável passa a adotar hábitos saudáveis que possibilitam lutar por uma qualidade de vida, mesmo que essa qualidade seja subjetiva aos outros alunos, visto que cada um desenvolve suas capacidades em diferentes níveis, possibilitando o aluno a pensar no que é a qualidade de vida para si. Permitindo que o aluno desenvolva um conhecimento cultural, com influência e explanação nas aulas de educação física, ele terá conhecimento de sua identidade cultural, fazendo com que os conhecimentos adquiridos de seu país possa influenciar em seu modo de vida. Com a formação cultural desse indivíduo em fase escolar a pesquisa por outras culturas e outros meios socioculturais pode fazer com que ele correlacione sua realidade com a de outras culturas para formar seu modo de pensar. (SOUZA, 2014, p18, 19).

Na fase escolar é necessário que os professores estimulem a pesquisa de novas culturas e formas de viver para que os alunos possam buscar aquelas que se identificam e assim possibilitar uma forma diferenciada de adquirirem conhecimento.

Na fase adulta as especificidades são mais evidentes como aponta Teles (2004, p. 17) “Ideias criativas com muita originalidade. Sucesso profissional em áreas altamente especializadas como a medicina, direito, ciências políticas, finanças, arquitetura”.

2.3 A Educação Física como instrumento para pessoas com distúrbio mental

A educação física desde a pré-história já era muito importante para os seres humanos, porque mesmo não sabendo da influencia que os exercícios faziam neles como correr, nadar e saltar, isso tudo proporciona ao seu corpo um melhoramento significativo e podemos ver que desde essa época até os dias de hoje a importância do exercício na vida das pessoas. Com isso a educação física foi evoluindo, até chegar nas escolas como uma matéria curricular nacional dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e com isso podemos ver a importância que ela tem na escola na melhoria da qualidade e também no desenvolvimento das crianças.

Mais do que qualquer outra coisa, é importante que os alunos saibam que a linguagem corporal é uma forma de comunicação tão eficaz quanto à linguagem falada ou escrita e que, portanto merece ser explorada e compreendida por todos, ainda que, tradicionalmente não se tenha dado ênfase a este particular no campo da Educação Física, talvez pelo desconhecimento, por parte dos professores, de como isso deva ser feito. (DARIDO, 2008, p. 136).

Podemos identificar uma vertente pouco explorada que pode permitir a significação de crianças e jovens para suas relações interpessoais. Nessa nova abordagem da educação física, podemos ver a importância que a autora traz sobre a prática do movimento corporal para o desenvolvimento dos alunos, Darido (2001, p. 14) expõem que “a psicomotricidade advoga por uma ação educativa que deva ocorrer a partir dos movimentos espontâneos da criança e das atitudes corporais, favorecendo a gênese da imagem do corpo, núcleo central da personalidade”. Permitindo uma visão mais ampla da necessidade de se desenvolver a educação física dentro do ambiente escolar.

Pensando na necessidade de crianças com distúrbios mentais a necessidade de conseguir se expressar é tão necessária quanto à parte de motricidade, o qual permite ao aluno relacionar-se e também deixar seu ponto de vista e também suas necessidades claras para que possa ser auxiliado.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho inicia-se com uma investigação da relevância do tema para identificar se “a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito [...] num nível puramente sentimental, mas no nível da avaliação da relevância e da significação dos problemas abordados para o próprio pesquisador.” (SEVERINO, 2007 p. 214-215). O que torna o trabalho singular e puramente específico.

Na sua forma e procedimento metodológico, o trabalho acadêmico e um trabalho de pesquisa bibliográfica e/ou de campo, com um tema delimitado, podendo caracterizar-se por uma análise teórico-conceitual (pesquisa bibliográfica) ou teórico-empírica (pesquisa de campo) sobre um assunto. Investiga determinado assunto, de forma aprofundada, em seus diferentes ângulos e aspectos, mas não tem a obrigatoriedade do inédito-requisito próprio de uma tese de doutoramento. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador. (BARUFFI, 2002 p.3-4)

Desta maneira, observamos como e porque a necessidade de escrever sobre a dislexia no âmbito escolar, desta maneira buscamos identificar onde a dislexia tem mais visibilidade e também monitorar as mais evidentes dificuldades destes alunos no meio escolar.

Foi elaborada uma forma de intervenção através da atividade física para tentar modificar a qualidade de vida e tornar a convivência dos alunos menos dificultosa e mais agradável dentro do ambiente escolar. Tornando assim menos complexa a identificação de uma intervenção coerente e eficaz para proporcionar a essa amostra bem estar e qualidade de vida.

Os resultados da pesquisa foram apresentados de maneira qualitativamente, por que “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que esta sendo investigada” (LÜDKE e MENGA, 1986, p.11). Entendemos que essa necessidade de se estar próxima ao fato investigado é que não se perca nenhum detalhe, uma vez que os pesquisadores podem referenciá-las de maneira mais evidentes e contextualizadas para que não se fuja da real situação a qual foi investigada na pesquisa.

3.1 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa ocorreu em dois estágios, no primeiro momento buscou-se conceituar a dislexia através da pesquisa bibliográfica e coletar subsídios teóricos para a identificação de possíveis casos de dislexia dentro do ambiente escolar.

Em um segundo momento o objetivo foi referenciar as maiores dificuldades encontradas para que posteriormente através de um estudo de caso que “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico” (FONSECA, 2002, p. 33), possa ser desenvolvida a intervenção da pesquisadora para melhoramento da qualidade de vida da amostra delimitada.

3.2 Local de pesquisa

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Bela Vista – MS, onde a pesquisa de campo ocorreu em uma Escola Estadual. Contudo podemos observar que a escola tem uma estrutura de 20 salas onde recebe aproximadamente 500 alunos, e também dispõe de uma biblioteca, uma sala de informática, um laboratório de química e biologia, três salas de direção, e uma sala de recurso, e também tem uma área de evento, quadra, refeitório, e a parte do pátio entre as salas, com tudo, estaremos realizando o recolhimento de informação sobre os alunos disléxicos na sala de recurso.

A sala de recursos, como o ensino itinerante, é uma modalidade classificada como auxílio especial. Como o próprio nome diz, consiste em uma sala da escola, provida com materiais e equipamentos especiais, na qual um professor especializado, sediado na escola, auxilia os alunos excepcionais naqueles aspectos específicos em que precisam de ajuda para se manter na classe comum. O professor da sala de recursos tem uma dupla função: prestar atendimento direto ao aluno e indireto através da orientação e a assistência aos professores de classe comum, as famílias dos alunos e aos demais profissionais que atuam na escola. Mediante esta modalidade de atendimento educacional, o aluno é matriculado na classe comum correspondente ao seu nível de escolaridade. Assim sendo, o professor especializado deve desenvolver o seu trabalho de forma cooperativa com os professores de classe comum. (MAZZOTTA, 1993, p. 25).

Essa sala tem o intuito de promover para esses alunos uma melhoria na sua vida escolar, vida pessoal e para um melhoramento na relação com os colegas de sala, os professores e principalmente com os seus familiares que tem dificuldades de aceitar as diferenças que seu filho tem. A escola possui um NUESP (Núcleo de Educação Especial) e também a SRM (Sala de Recurso Multifuncional), as quais têm como responsável a técnica do NUESP, juntamente com a professora/pedagoga e também contam com o apoio de uma psicóloga, duas professoras de apoio e uma professora que faz visitas periódicas para os alunos que frequentam este núcleo.

3.3 Sujeitos da Pesquisa

Existem 24 alunos frequentes na sala de recursos onde cada um tem dificuldades diferentes e sendo atendidos em grupos com a mesma dificuldade, assim grande parte dos alunos tem laudo de Deficiência Intelectual.

A presente pesquisa foi desenvolvida na sala de recurso com cinco alunos que participaram das atividades físicas direcionadas para melhoramento do seu desenvolvimento cognitivo, afetivos e social.

Contudo nossa amostra se resume a um grupo com traços de dificuldades similares para que os resultados possam ser específicos e atenderem a proposta inicial.

A pesquisa foi feita com os alunos que possuem deficiência intelectual por conta de que na cidade não tem alunos com laudo comprovante em dislexia. A professora relata a possibilidade que estes alunos que tem laudo de deficiência intelectual ter também dislexia e por este motivo a pesquisa se delimita a esse publico que apresenta traços de dislexia para a tentativa de identificação desse distúrbio.

Entendemos que a “deficiência intelectual é um quadro psicopatológico que se refere, de maneira especial, às funções cognitivas. O que caracteriza a deficiência intelectual são defasagens e alterações nas estruturas mentais para o conhecimento” (PEREIRA, 2012, p. 2). Com isso nós trabalhamos com possibilidades de estar ajudando a desenvolver suas coordenações motoras, e o seu convívio social, e estaremos encaminhando esses alunos para os especialistas ver se realmente têm a dislexia.

3.4 Técnica, instrumento e procedimento de coleta

A pesquisa foi desenvolvida de maneira a interpor aos alunos o relacionamento de forma a quebrar a barreira psicológica naturalmente criada pelos alunos entre a acadêmica de educação física e os alunos da sala de recurso para que fosse realizada a sondagem e identificação das dificuldades dos alunos e também para a criação de vínculo de amizade para possível intervenção.

Após os primeiros momentos de avaliação e coleta de dados a respeito das dificuldades foi desenvolvida uma grade de atividade que poderiam influenciar na melhoria da qualidade de vida desses alunos e assim permitir a eles criarem autoestima e autoconfiança.

A primeira atividade desenvolvida foi confecção das Pulseiras que serviram para trabalhar a lateralidade dos alunos, onde identificariam o lado esquerdo e o lado direito. A segunda atividade desenvolvida foi na quadra com os arcos, escada de agilidade e cones para aprimorar movimentos de deslocamento. A terceira atividade desenvolvida foi com música e movimentos que tocavam nas partes do corpo. A quarta atividade desenvolvida foi andando sobre a ponte de corda. A quinta atividade desenvolvida foi pintando o mosaico. A sexta atividade desenvolvida foi multiplicação sem tabuada de matemática. A sétima atividade desenvolvida foi leitura na frente do espelho.

Após as atividades desenvolvidas na sala de recursos foi elaborado um questionário para que as professoras da sala de recursos juntamente com o professor de educação física possam contribuir com nossa pesquisa deixando seu ponto de vista a respeito do trabalho realizado com os alunos. Permitindo assim uma análise real das possibilidades trabalhadas e também se houve alguma evolução por parte dos alunos que participaram da pesquisa.

Associadas ao questionário foram elaboradas normativas com apontamentos a respeito de dificuldades individuais para possível discussão posterior a intervenção, tornando o trabalho mais completo.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Através das investigações realizadas foi possível avaliar as possíveis modificações na vida escolares da amostra estudada, uma vez que a metodologia trabalhada teria que ser modificada para uma melhora na qualidade de vida destes alunos, assim entendemos que “avaliar sem intervir não faz sentido, porque não permite ultrapassar as dificuldades. Após a avaliação e com bases nos resultados obtidos são implementadas as medidas de intervenção adequadas a cada caso.” (TELES, 2004, p. 18). O que permite que as pessoas com dislexia possam ser estimuladas a partir de atividades voltadas para esse público e não para outra dificuldade ou deficiência, tornando mais específica a intervenção do profissional e mais eficaz os resultados.

Não se pretende ser alarmista mas sim estar consciente de que, se uma criança mais tarde tiver problemas, os anos perdidos não podem ser recuperados. A intervenção precoce é provavelmente o fator mais importante na recuperação dos leitores disléxicos. (TELES, 2004, p. 13)

Desta forma, a intervenção eficaz se mostra necessária para a identificação dos alunos possivelmente disléxica e ainda para uma intervenção com objetivo de melhoramento da qualidade de vida dos participantes da pesquisa.

“A Educação Física adquire, assim, um papel importante na medida em que pode estruturar o ambiente adequado [...] funcionando como um grande auxiliar e promotora do desenvolvimento humano e, em especial, do desenvolvimento motor” (SOARES e MARCO, 2014 p.2004). Permitindo assim remover o aluno daquele contexto rotineiro e desgastante do modelo da pedagogia, tornando mais eficiente e mais acolhedor as atividades para aqueles alunos participantes.

4.1 Sondagem

Foi iniciada a pesquisa em junho de dois mil e dezessete na sala de recurso contendo cinco alunos com dificuldades na sua coordenação motora fina, podendo observar na sondagem que esses alunos apresentavam distúrbios como a dislexia ou outros distúrbios de aprendizagem, que possuam desempenho de coordenação e lateralidade abaixo do esperado pela a sua idade cronológica, com isso acaba

afetando na sua aprendizagem cognitiva, motora e também no convívio social, fator esse que é crucial na inter-relação entre jovens e adolescentes.

A partir de diferentes abordagens, a literatura demonstra que ao menos 50% dos escolares com problemas de aprendizagem apresentam desordens no desenvolvimento da coordenação motora, especificamente na coordenação bimanual, destreza manual e habilidades motoras finas. (SORAIS, MARCO, 2014.p.1997)

Com a afirmação supracitada, identificamos que a necessidade da intervenção se faz necessário, desde os mais simples processos de coordenação motora que permita o desenvolvimento de lateralidade, noção de distância e espaço visual; Assim como atividades que desenvolvam a autoconfiança e também a troca no sentido social e afetivo entre os participantes da pesquisa com as outras pessoas da escola.

4.2 Análise do questionário

A primeira pergunta realizada foi “Em um momento anterior a pesquisa os alunos já haviam vivenciado algum esporte ou atividade física nas aulas de educação física?”

Professora A: *não há participação dos alunos devido a falta de habilidade necessária para a participação das aulas com os outros alunos, sempre que a atividade é esporte apenas os mais habilidosos jogam enquanto os outros não fazem nada.*

Professora B: *não tem a participação dos alunos que frequentam a sala de recurso, pois não desenvolvem as habilidades como os outros alunos da mesma faixa de idade destes, tornando assim sua convivência social afetada por não serem habilidosos como os outros.*

Professora C: *a participação é bem restrita, uma vez que a pratica do futebol acontece por motivos desconhecidos, uma vez que os meninos jogam futebol, não demonstrando muita habilidade, mas desenvolvendo as aulas livre da pratica da modalidade.*

A segunda pergunta diz respeito ao receio que os alunos tinham ao desenvolverem atividades em grupo, sendo ela: “Antes do inicio da intervenção da

pesquisadora os alunos tinham receio de fazer alguma atividade física em grupo? Há um por quê?”

Professora A: todas as atividades seja elas teóricas ou praticas não são desenvolvidas com êxito, uma vez que os alunos tem extrema dificuldade de relacionamento e de expor suas ideias para com os outros colegas.

Professora B: As atividades em grupo não foram desenvolvidas devido a dificuldade de relacionamento dos alunos que tem dificuldade de comunicação, haja visto que apresentam dificuldade da dicção de algumas palavras tornando mais difícil os relacionamentos entre os alunos.

Professora C: As únicas atividades desenvolvidas em grupo são alguns tipos de jogos que não precisam de comunicação, uma vez que os alunos não conseguem se comunicar oralmente de maneira objetiva, pois não falam todas as palavras de maneira clara.

O terceiro questionamento foi de percepção da alteração de humor dos participantes da pesquisa após a intervenção. Ela dizia: “ Foi possível perceber alguma mudança de humor nos alunos participantes da pesquisa durante e após a intervenção?”

Professora A: Os alunos começaram a se tornarem mais frequentes e ativos nas aulas, pois as atividades começaram a ser desenvolvidas integrando todos os participantes.

Professora B: Todos os alunos começaram a participar com suas opiniões nas aulas, atitude essa não vista ante da intervenção uma vez que todos tinham receio de se relacionar uns com os outros.

Professora C: Não houve uma melhora significativa no humor dos alunos, mas a participação aumentou tornando os alunos mais próximos da professora.

A quarta pergunta foi: “A pesquisa contribui de alguma forma para o melhoramento da qualidade de vida dos alunos com dislexia?”

Professora A: Os alunos demonstraram participação após o inicio da pesquisa, determinação em cumprir com as atividades, disciplina e compromisso com os horários e as aulas, além de começarem a se relacionar entre eles, houve um melhoramento da qualidade de vida de maneira significativa.

Professora B: de certa forma houve, uma vez que a comunicação entre os alunos começou a ficar mais frequente e os trabalhos em

grupo começaram a dar resultado e ainda começaram a serem mais participativos.

Professora C: *a qualidade de vida observado nos alunos é evidente quando se pensa em como eles se tornaram participativos e confiantes durante as aulas, começaram a desenvolver as atividades e se relacionar com os outros colegas.*

A última pergunta, mas não menos importante, questionava “Foi possível identificar que há alguma relação da dislexia com os alunos participantes da pesquisa?”

Professora A: A dislexia é abrangente e nos permitiu identificar disfunções na fala e principalmente no aspecto de relacionamento social, tornando ainda mais difícil a inclusão por que não se tinha resposta da parte do alunos até a pesquisa.

Professora B: o que nos permite avaliar a relação da dislexia com os alunos é principalmente o aspecto motor no que diz respeito as atividades que eles desenvolveram com dificuldade e também na relação social entre os alunos, tornando evidente a relação com a dislexia.

Professora C: no aspecto motor é visível pela falta de habilidade que há alguma dificuldade por parte dos alunos e relacionando as dificuldades de fala e comunicação ficou evidente a relação com a dislexia.

4.3 Resultados obtidos

Na intervenção foram realizadas atividades onde podemos identificar a importância que os autores trazem sobre a coordenação motora para os alunos com distúrbios mentais como dislexia, os alunos mostraram nos testes realizados com a acadêmica de educação física, baixas noções de espaço e até mesmo de se expressar em grupo e também acabam sem desenvolver habilidades essenciais para o cotidiano quando não são estimulados.

As evidências encontradas até o momento reforçam a existência de relação entre baixos índices motores e dislexia, sugerindo que esta falta de habilidade pode contribuir negativamente para o desenvolvimento da linguagem escrita. Mais do que isso, a inabilidade motora influencia em diversos âmbitos da vida de uma criança, ultrapassando a dificuldade de leitura. O profissional de Educação Física pode contribuir com estas crianças, quer seja pela avaliação precoce destas inabilidades ou

também com intervenções teórica e metodologicamente fundamentadas para a estimulação do desenvolvimento motor. (SOARES e MARCO, 2014 p.2003).

Neste sentido podemos ver a importância que o professor de educação física tem na escola, ela não é só uma matéria de entretenimento, ou recreação, ou mesmo só de lazer como a maioria dos indivíduos falam da educação física. Por isso “as habilidades motoras podem ser amplamente exploradas nas aulas de Educação Física escolares e em programas de iniciação esportiva, estimulando o desenvolvimento integral de crianças”. (SOARES e MARCO, 2014 p. 2004)

A respectiva pesquisa abrange a integração total e evidente dos alunos e também busca o desenvolvimento dos alunos com distúrbio metais.

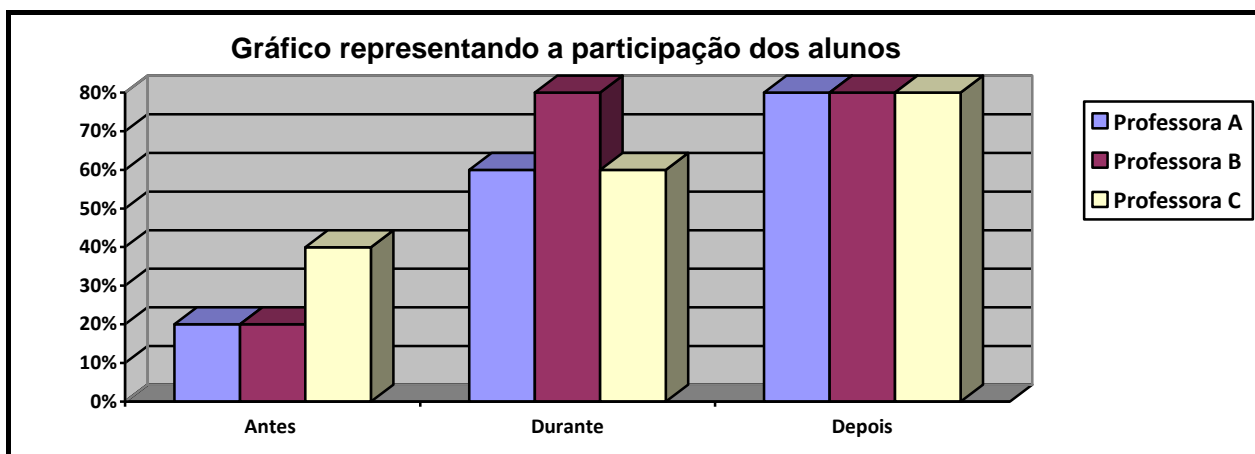
No decorrer das aulas, podemos identificar uma melhora nítida dos participantes, uma vez que todos conseguiram aprender o básico da lateralidade que era direita e esquerda, e que muita das vezes se torna um problema para esses alunos, se relacionar mais com os colegas e pessoas comum a eles no ambiente escolar e também auxiliou na parte cognitiva no que tange a atenção tornando mais atentos e ligados no que acomete ao redor deles.

Através da intervenção notamos que os alunos não detinham nenhuma ou muito pouca habilidade motora para se deslocarem e também na utilização de utensílios e para se colocarem em espaço temporal para alguma atividade em grupo, o ocasionou o afastamento deles, a intervenção entrou como meio modificador da realidade social desses alunos tornando suas rotinas mais desafiadoras, porem proporcionou a todos eles momentos de prazer e alegria em todos os momentos que superavam seus próprios limites, ultrapassando barreiras criadas por eles próprios.

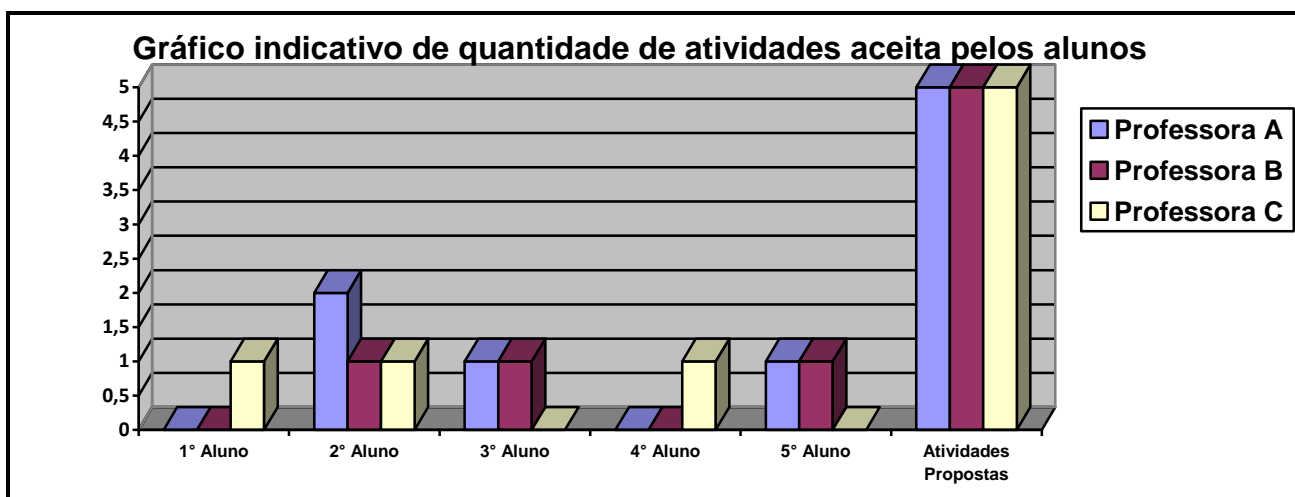
As atividades realizadas com os alunos permitiu explorar o desenvolvimento global e também as coordenações motoras grossa e fina, as quais em diversos momentos eram acessadas para que houvesse a conclusão dos exercícios e desafios propostos pela pesquisadora.

Com a aplicação do questionário aos professores ficou evidente a dificuldade na participação dos alunos avaliados em atividades cotidianas de atividades físicas e teóricas que aconteciam na sala de recurso pedagógico.

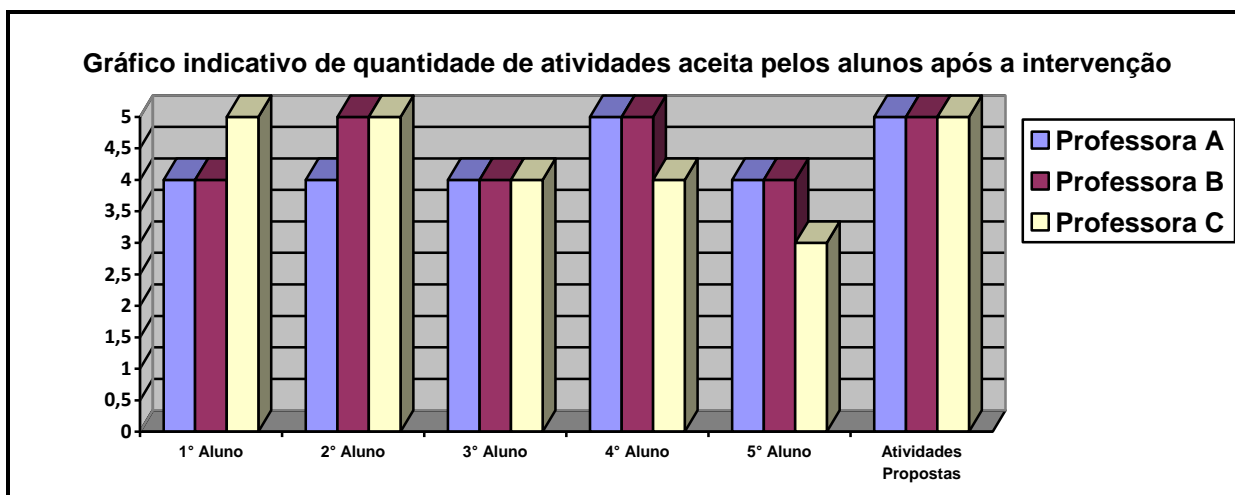
A primeira atividade a relatar com relação à análise do questionário é a participação dos alunos na sala de aula que no gráfico abaixo representa uma melhora significativa que aconteceu e permite assim identificar que com a intervenção mínima é possível modificar a realidade destes alunos.



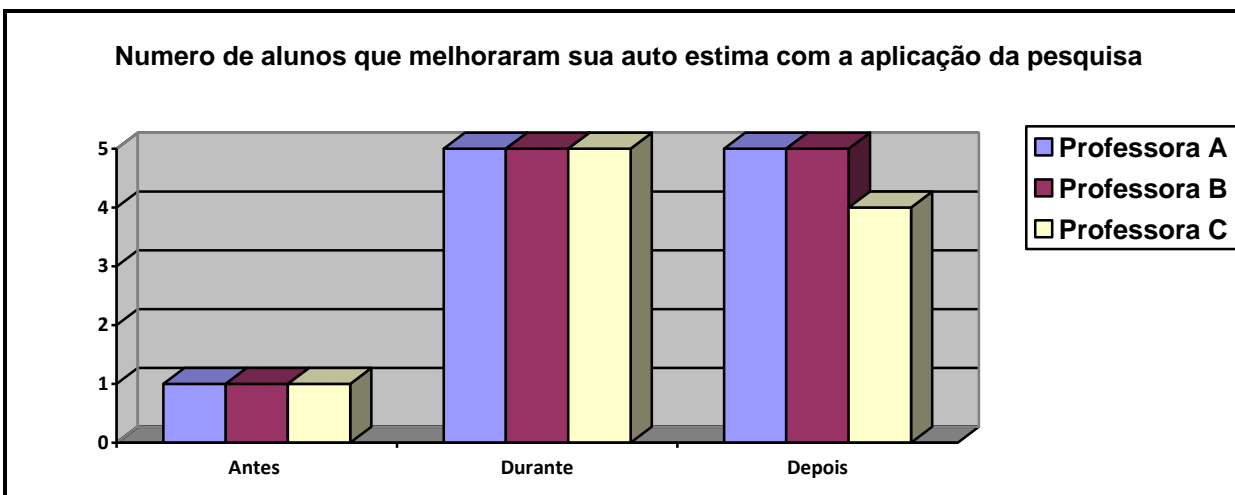
As atividades em grupo dentro da sala de aula era um desafio quase intransponível para esses alunos, uma vez que na questão motora não tinham muito controle e evitavam a participação e qualquer atividade para que não passassem vergonha. Na questão social não socializam de maneira proveitosa para seu desenvolvimento e quando tentavam se frustrava por não conseguirem serem claros em suas ideias e palavras. Podemos observar dessa forma que apenas um aluno se propôs a fazer mais de uma atividade em grupo.



Foi relatado que após a intervenção da pesquisadora, foram formados grupos na sala de recurso pedagógico para apoiar atividades em grupos dos alunos participantes da pesquisa, realizando dinâmicas de grupo que permitiu ficar mais fácil a socialização entre eles, pois não viam preconceito entre eles. Assim o gráfico abaixo representa o resultado após a intervenção da pesquisadora.

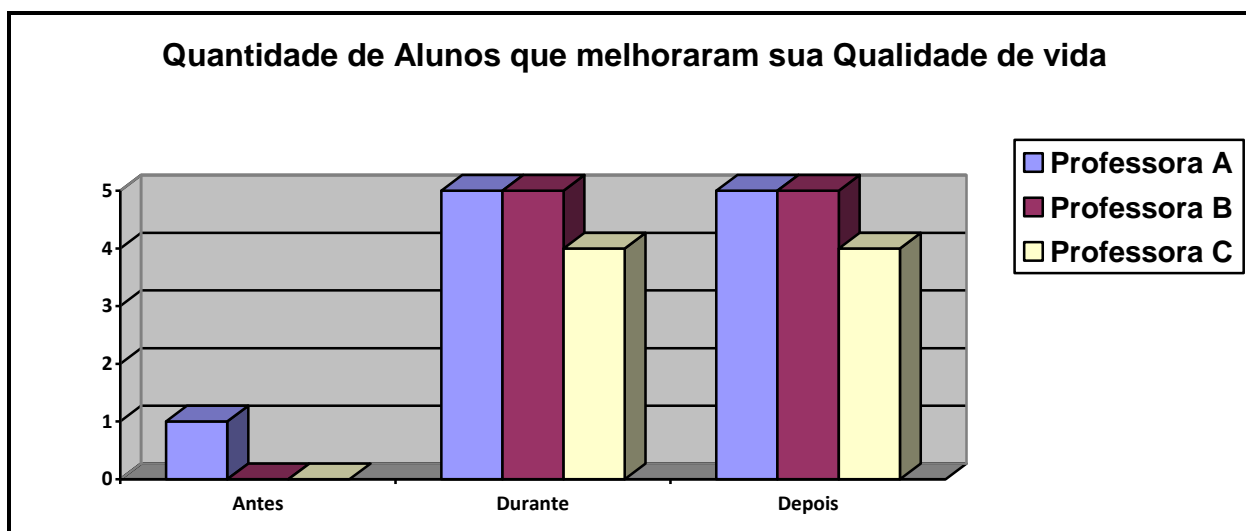


No que tange a modificação no humor dos alunos foi relatado no questionário que não ficou visível nas primeiras semanas de intervenção, uma vez que as propostas eram desafiadoras e os alunos nem sempre conseguiam desenvolvê-las sem auxílio, porém como a pesquisadora alertou que precisaria dessa informação foi relatado que na segunda semana a vontade dos alunos em participar das aulas já havia aumentado e eles começaram a perguntar quando a pesquisadora viria novamente e quando era o dia da intervenção começaram a participar com mais vontade e autoestima.

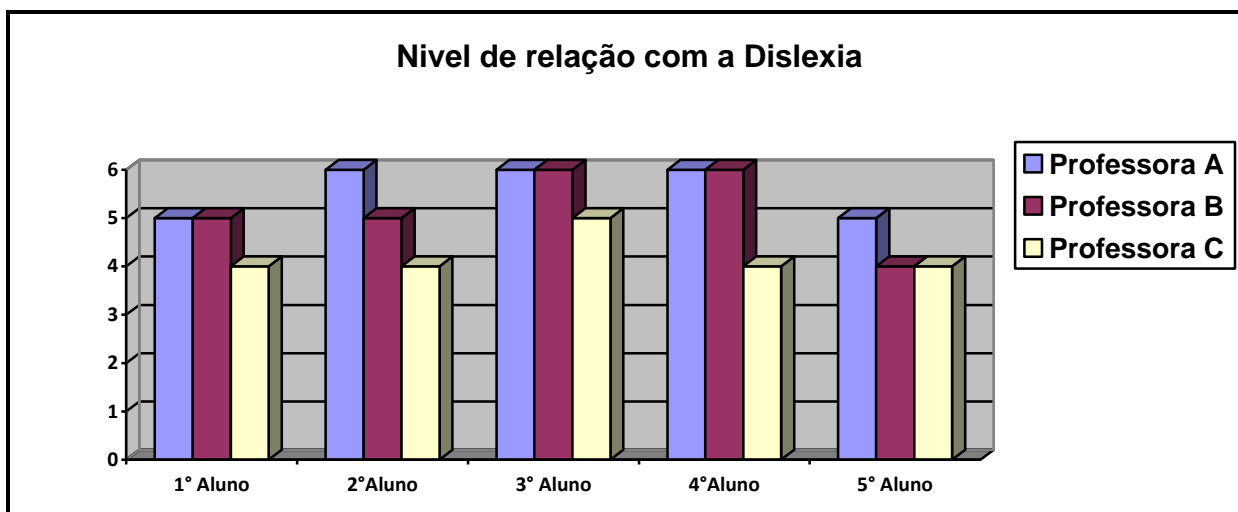


No questionário ficou explícito que os alunos tem necessidade de um olhar mais detalhado sobre eles, um olhar de cuidado e não apenas de promoção de uma atividade física ou esporte, algo que pudesse voltar à iniciação, fase essa que eles pularam por vergonha de errarem na frente dos colegas.

No que se refere à qualidade de vida podemos elencar benefícios como auto-estima, coragem, perseverança, força de vontade e muitas outras qualidades, o que mais ficou evidente nos questionários é o quanto os alunos começaram a se relacionar após a intervenção e de como essa prática permitiu a eles confiarem uns nos outros para que pudessem errar quantas vezes fosse preciso para que a atividade proposta pudesse ser alcançada.



O último item a ser avaliado foi à relação entre os alunos com a dislexia e a amostra da pesquisa, todas as aulas aplicadas vieram acompanhadas de uma normativa que seria nesse momento relacionado a cada indivíduo em específico, tornando assim mais real a abordagem utilizada.



As avaliações aqui estipuladas seguem os padrões metodológicos em relação ao aporte bibliográfico e faz relação com a Coordenação Motora, a Lateralidade, a Fala, a Escrita, a Leitura e ainda a Dificuldade em se expressar. Tornando visível a dificuldade desses alunos em frente aos outros e assim permitindo uma avaliação eficiente das dificuldades encontradas na parcela pesquisada.

Contudo não se faz necessário relatar todos os fatos ocorridos, uma vez que são extremamente próximos, permitindo assim confirmar através da relação que os alunos apresentaram com as necessidades que uma pessoa disléxica apresenta, é necessário ressaltar que não podemos afirmar, com certeza, que toda a amostra é disléxica, haja visto, que há necessidade de uma avaliação de um especialista, porém tivemos a sorte de encaminhar dois dos alunos para exames mais detalhados com o especialista para confirmação, sendo que infelizmente, os resultados provavelmente sejam expedido dentro de três a seis meses após o término da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa se solidifica na sondagem para identificação da amostra, uma vez que na fase de sondagem buscavam-se alunos disléxicos e na sala de recurso que atende os alunos especiais no município não contava com alunos laudados, porém a professora especialista apontou alguns casos de possíveis alunos com dislexia que possuem laudos de Deficiência Intelectual (DI).

Em um primeiro momento ao buscar o professor de educação física para aplicação da pesquisa nas suas aulas, fui rejeitada uma vez que para o professor o local ideal para a pesquisa seria a sala de recursos pedagógicos, onde estariam apenas alunos com deficiências, desta forma, a intervenção poderia acontecer de maneira efetiva.

O profissional de educação física tendo a oportunidade de estar desenvolvendo e auxiliando esses alunos com dificuldades dentro de suas aulas e proporcionando a eles integração com os outros alunos acaba o excluindo e fazendo com esse aluno seja deslocado para um ambiente onde se sente como alguém diferente.

Esses alunos na sala de recurso acabam desenvolvendo apenas trabalhos e tarefas teóricas que não explorem a parte motora dos alunos, não permitindo a eles um desenvolvimento da sua lateralidade e torna seus movimentos ainda mais restritos uma vez que passam grande parte do tempo sentado ou em frente ao espelho tentando desenvolver sua escrita e leitura. O que torna o processo de aprendizagem ainda mais dificultoso, pois esta é uma das maiores dificuldades dos alunos.

Foram desenvolvidas atividades físicas direcionadas para a melhoria da qualidade de vida e assim promover o desenvolvimento motor, afetivo e social através de atividades que permitam o trabalho em equipe, atividades relacionadas a vivencia de grupo e que exijam o contato entre os participantes para que haja verbalização e discussão de estratégias, atividades que permita o aprimoramento motor que permita o desenvolvimento integral dos membros dos alunos, e trabalhar a parte da imaginação e também atividades de criatividade para desenvolver sua parte cognitiva e social.

O papel principal de nossa pesquisa era buscar pessoas que sofrem com algum tipo de preconceito por não terem a coordenação motora mínima para a integração e

que também não possuíssem um relacionamento social agradável e desenvolvidor. Nossa pesquisa ganha força ao encontrarmos dentro da sala de recurso de uma escola estadual da cidade de Bela Vista – MS pessoas com necessidades reais de um olhar clínico no que tange o movimento como alvo, permitindo assim nossa intervenção de maneira eficaz e direta para promoção da qualidade de vida associada a um melhoramento do convívio social e também das funções motoras dos participantes.

Nossa pesquisa se encerra com uma contribuição mínima para os participantes, porém deixa um grande recado para professores e alunos da escola, uma vez que todos puderam perceber a evolução da amostra pesquisada e assim reconhecerem o trabalho realizado, dando um passo a mais para a verdadeira inclusão dentro do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

COELHO, D. T. Dificuldades de Aprendizagem Específicas: Dislexia, Disgrafia, Disortográfica e Discalculia. **Revista Areal Editores**. 2017

DOS SANTOS, A. COSTA, G. M. T. A Psicomotricidade na Educação Infantil: Um Enfoque Pedagógico. **Revista de Educação do IDEAU**. Vol. 10 – Nº 22 – Julho - Dezembro 2015.

EVANS, J. S. **Um Estudo Sobre a Dislexia**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2006.

FREITAS, F. M. HENRIQUE, M. D. C. GOMES, A. L. A Dislexia e as Leis Educacionais Brasileiras. **II Congresso Nacional de Educação**. 2014.

NICO, M. A. N. **Dislexia**. Texto de Apoio ao Curso de Especialização, Atividade Física Adaptada a Saúde Prof. Dr. Luzimar Teixeira. (sem ano)

PIMENTA, D. C. F. G. Dislexia: Um Estudo Sobre a Percepção de Professores do Ensino Fundamental. **V Seminário Nacional de Educação Especial. Universidade Federal de Uberlândia**. (sem ano)

SOUZA, M. V. **O Karate-Do como meio de Inclusão: Transformando a Realidade Social de Alunos com Autismo**. UEMS. (Especialização em Educação Especial). Campo Grande. 2016.

TELES, P. Dislexia: Como Identificar? Como Intervir? **Revista Portuguesa de Clínica Geral** – Dezembro de 2004.

GONÇALVES, D. L. S. Como Trabalhar com Crianças Disléxicas. Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da Univar**. Nº 7, p. 81 – 85. 2012.

PEREIRA, E. J. **A Infância e a Deficiência Intelectual: Algumas Reflexões**. UNESC PROSUP/CAPES , 2012.

LAKATOS, E.M. **Metodologia do Trabalho Científico: Procedimentos Básicos, Pesquisa Bibliográfica, Projeto e Relatório, Publicações e Trabalhos Científicos**. 4.ed. – São Paulo: atlas, 1992.

LUDKE, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. E.D.A andre- São Paulo: EPU, 1986.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico- Antônio Joaquim severinio.-20.ed. **Revista e amplo**. - São Paulo: Cortez, 1996

MAZZOTTA, M.J. S. **Trabalho Docente e Formação de Professores de Educação Especial**. marcos J.S. mazzotta. São Paulo: EPU, 1993.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza, HARTZ, Zulmira Maria de Araújo, BUSS, Paulo Marchiori. **Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário**. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 5, n. 1, p. 7 – 18, 2000.

BARUFFI, H. **Metodologia da Pesquisa; Manual para a Elaboração da Monografia**. helder baruffi.3. ed. rev. e atual. Dourados: Hbedit,2002

Bunge, M. **Teoria e Realidade**. São Paulo, 1974.

SOARES, B. S. MARCOS, A. **EDUCAÇÃO FÍSICA E DISLEXIA: POSSÍVEIS CONVERGÊNCIAS**. Rev. CEFAC. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2014.

APENDICES

Apendice A - Questionário para os professores da sala de Recursos Pedagógicos e professor de Educação Física.

Nome:

Função:

Quanto tempo trabalha com os alunos:

- 1) Em um momento anterior a pesquisa os alunos já haviam vivenciado algum esporte ou atividade física nas aulas de educação física?
- 2) Antes do inicio da intervenção da pesquisadora os alunos tinham receio de fazer alguma atividade física em grupo? Há um por que?
- 3) Foi possível perceber alguma mudança de humor nos alunos participantes da pesquisa durante e após a intervenção?
- 4) A pesquisa contribui de alguma forma para o melhoramento da qualidade de vida dos alunos com dislexia?
- 5) Foi possível identificar que há alguma relação da dislexia com os alunos participantes da pesquisa?

Obs.: Solicito sua autorização para possível utilização desses dados em um Trabalho De Conclusão de Curso (Monografia), realizado nas FACULDADES MAGSUL, que tem por finalidade aplicar uma pesquisa relacionada a dislexia e a melhoria da qualidade desses alunos e relatar como essa pesquisa pode auxiliar na vida dos alunos.

ANEXOS

ANEXO A – MODELO DO TERMO DE COMPROMISSO DE ORIENTAÇÃO

O acadêmico _____matriculado na disciplina de “Trabalho de Conclusão do Curso” no 8º semestre inicia a realização do Projeto de Pesquisa, sob a orientação da professora orientadora _____. Sendo dever do acadêmico comparecer aos encontros de orientação agendados com a professora, bem como se comprometer a seguir as normas contidas no Regulamento de realização do TCC.

De acordo, assinam,

Coordenador do Curso de Educação Física

Orientador(a)

Acadêmico(a)

Ponta Porã – MS, ____ de _____ de 2017.

ANEXO B – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do Trabalho de Conclusão:

Pesquisador Responsável:

Telefone para contato:

A intenção da pesquisa “verificar a importância do corpo e a sua linguagem na aprendizagem, com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Visando estudar como o desenvolvimento da linguagem corporal influencia e contribui para o ensino-aprendizagem de alunos nas séries iniciais”.

Sendo sujeito dessa pesquisa, sua participação não trará nenhum tipo de risco, prejuízo, desconforto ou lesão. Portanto não haverá, em decorrência dessa participação, indenizações ou despesas. Sua participação é relevante e imprescindível tanto para a sociedade em geral quanto para sociedade científica, pois, ajudará no esclarecimento de vários elementos atinentes ao desenvolvimento da pesquisa tanto na formação quanto após a formação. Deste modo, sua participação resume-se ao responder a entrevista mediante roteiro elaborado previamente. Os dados coletados servirão de suporte para análise que comporá uma pesquisa a ser apresentada na conclusão do curso de Educação Física das Faculdades Magsul, e se aprovado, publicado nos diversos órgãos de divulgação científica.

O período de sua participação nessa pesquisa resume-se ao tempo de responder a entrevista. Será garantido o sigilo e anonimato, portanto, não há riscos de identificação de sua pessoa ou das respectivas respostas dadas. Há ainda a possibilidade da retirada do consentimento a qualquer tempo, bastando, para isso, entrar em contato com o (a) pesquisador (a) já identificado (a).

NOME COMPLETO